

Nunca me senti tão privilegiada no lugar de coordenadora da edição da *Nova Perspectiva Sistêmica* quanto neste número, o último de que participo nesta posição.

Quando o Instituto Famíliae recebeu o honroso convite dos institutos Multi-versa e Noos para ser coeditor da NPS, fui convidada para ser a responsável pela parceria. Eu não sabia o quanto aprenderia, quantas vezes me afligiria por prazos, temas, problemas externos à produção, como a greve dos Correios que manteve as revistas número 40 prontas, envelopadas, empoeirando durante um mês, diante de nossa total impotência.

Em agosto passado, completei 5 anos na função. Já havia comunicado que iria deixá-la, permanecendo como colaboradora ativa, mas a vontade de coordenar a edição comemorativa dos 20 anos venceu o desejo de me dedicar a outras atividades.

Sinto-me privilegiada porque para mim a festa dura mais. Começou há muitos meses quando Adriano Beiras, nosso incansável parceiro do Noos, que está sempre online de Barcelona, ao participar de um Congresso na Itália, perguntou-nos sobre a oportunidade de publicarmos uma entrevista com Maurizio Andolfi.

Sendo assim, que outros mestres compareceriam à nossa festa?

Vários foram convidados e alguns, em meio a seus incontáveis compromissos, puderam comparecer.

Dora Schnitman respondeu que sim. Ora de Washington, ora de Bilbao. Santa Internet! Valeu-nos!

Em **Processos Generativos e Práticas Dialógicas**, ela expõe a perspectiva generativa como uma oferta de ferramentas para a construção dialógica de novos domínios de significado. Aponta o diálogo reflexivo como um meio para construir recursos que permitem criar alternativas. Afasta-se do *déficit* e trabalha com o foco em recursos, aprendizagem e inovação. Facilita a emergência de novos significados em *ação que podem abrir ou ampliar* novas relações e possibilidades para ações futuras.

Homenageio as iniciativas de Dora, no início dos anos 1990, como diretora do Instituto Interfás de Buenos Aires (naquele tempo, em parceria com Saúl Fuks), que nos aproximaram das ideias mais inovadoras que então nasciam nos EUA, na Europa e nas longínquas Austrália e Nova Zelândia. Em sete encontros memoráveis entre março de 1992 e outubro de 1993, conhecemos Harlene Anderson, Mi-

chael White, Bradford Keeney, Lynn Hoffman, Edgard Morin, Kenneth Gergen e Tom Andersen, nesta ordem.

Harlene também vem à nossa festa, com seu encanto e delicadeza, apresentando **Uma perspectiva colaborativa sobre ensino e aprendizado: a criação de comunidades de aprendizado criativo**. Em suas palavras: “O aprendizado colaborativo tem suas bases nas premissas pós-modernas. Implica a formação de uma parceria entre formador/supervisor-aprendiz/estudante, e também entre os próprios aprendizes/estudantes na qual o relacionamento e o processo são menos hierárquicos e menos dualísticos. Isto valoriza e utiliza também, e de forma equitativa, a sabedoria, a expertise e a experiência de todos os membros da comunidade.”

Dá até para ouvir a conversa dela com a prata da casa — Eloisa Vidal Rosas e Rosana Rapizo — que, em **Construcionismo social e a formação de terapeutas: em busca de coerência**, compartilha e discute os caminhos para a formação de terapeutas a partir de 1987 quando, com outras parceiras, fundou o Instituto de Terapia de Família do Rio de Janeiro. As autoras abordam alguns aspectos relevantes para a reflexão sobre o tema: a interrelação de aprendizagem, alunos e professores e destes com o contexto mais amplo, no qual o curso de formação está inserido sob uma perspectiva construcionista social e dialógica.

Peço licença para entrar na roda com a pergunta **Como ensinar a não saber?**. Deste lugar privilegiado fui recebendo os artigos que me sugeriram a pergunta. Acredito que cheguei à posição de “saber menos”. Com as contribuições deste número espero caminhar mais um pouco em direção a essa sabedoria. Revisitei caminhos que, no Instituto Famíliae, possibilitam aos alunos do curso de formação de terapeutas uma postura colaborativa, e o desenvolvimento da atitude denominada “não-saber”. Refiz meu processo pessoal de perda de certezas e o encontro que deu início ao Famíliae. Coerentemente com a postura dialógica, perguntei-me que significados havíamos construído com os alunos. Assim terminei o artigo com suas vozes que se agregam à grande conversação deste número.

Com beleza e erudição ímpares, Saul Fuks, nosso mestre e amigo, foca, no artigo **Celebração da surpresa**, a curiosidade como uma qualidade associada à “capacidade de se surpreender”, um modo de se relacionar que constrói um vínculo especial. Discute os desafios próprios de propostas de ensino que visam desenvolver a capacidade de se surpreender como ferramentas na psicoterapia, na facilitação de grupos ou na pesquisa. Sua pergunta — *O que torna o interlocutor “perito” com sua própria reflexividade, com as perturbações que a curiosidade e o espanto geram em sua relação consigo mesmo e com seus supostos teóricos?* — convida-nos a uma reavaliação do lugar que damos, nos sistemas de formação de terapeutas e facilitadores, ao fortalecimento da capacidade de se posicionar como se tudo pudesse ser vivido como algo novo, inesperado e imprevisível; das maneiras que cuidamos da tendência “natural”, que a insegurança e a incerteza geram, de refugiar-se no conhecido, no rotineiro e no óbvio; e de como construímos contextos que permitam desfrutar do jogo sagrado de inventar(se) mundos, ali onde nada parece capaz de surpreender-nos.

Marilene Grandesso, nossa colaboradora do Instituto Interfacci, dá vida às ideias de Michael White em emocionado e denso artigo convidando-nos a **Dizer olá de novo**, a maneira como Michael acolhia o luto pela perda de um ser querido.

Escreveu esse artigo sob o impacto da perda inesperada do grande terapeuta e criador das práticas de terapia narrativa em abril de 2008. Para lidar com a perda de uma pessoa querida e fonte de inspiração de seu trabalho, revisitou a sua produção numa espécie de ritual de re-associação de sua presença. Com certeza trouxe uma excelente contribuição para manter vivo o fluxo das ideias, princípios, crenças e valores que orientaram o trabalho desse terapeuta que acreditou na autoria das pessoas para transformar suas próprias vidas. Em vez de deixá-lo ir embora junto com a dor da perda, Marilene o traz de volta através dos momentos importantes, às vezes mágicos, que ficaram conosco em sua passagem pela nossa vida.

No artigo sobre formação de terapeutas, Rosana e Eloisa escrevem: “Reflexão em ação’, segundo Donald Schön é um processo que tem suas raízes no contexto institucional e socialmente estruturado, o qual é compartilhado por uma comunidade de profissionais. ‘Conhecer na prática’ se dá como um exercício nos ambientes particulares de cada profissão.”

As metodologias que desenvolvem no curso privilegiam partir da experiência para a produção teórica dos grupos de alunos, assim como consideram o conhecimento como construção coletiva e não como informação a ser transmitida.

Nada melhor do que um exemplo dessas práticas para coroar essa ciranda de propostas criativas. Rosane Berlinski Brito e Cunha, Maria Lúcia Almeida Roza, Maria Celina Matta, Maria Clara Stockler, Monica Alegre e Sandra Santos, em **O autor de violência incluído no atendimento de terapia de família: desconstruindo papéis, reconstruindo mundos**, trazem uma reflexão teórica sobre a experiência clínica de sua equipe que atende famílias em situação de violência no Instituto Noos no Rio de Janeiro. Apresentam seu trabalho, que inclui a presença do autor de violência nos atendimentos de família. A prática pouco usual causou surpresa em congresso da área, gerando o movimento de debruçar-se sobre o realizado, se perguntando pelas escolhas feitas. Praticantes reflexivas, concluem que a riqueza decorrente das narrativas das famílias e dos múltiplos olhares sobre situações vividas em comum ajuda cada membro a tomar para si parte da responsabilidade no funcionamento do sistema. Compreendem que atender a todos facilita a ressignificação e a transformação nas relações familiares das pessoas envolvidas no problema.

Nossas seções estão especialíssimas. **Família e Comunidade em Foco** traz a entrevista com Andolfi. Saborosa, às vezes provocativa, surge a voz de um mestre que conhece bem o Brasil e nos convoca para, além de copiar os modos e modelos de fora, aproveitar nossa riquezas de cores, sons, enfim, nossa força comunitária existente em todos os centros mais afastados das metrópoles. Adriano Beiras fez o delicado e minucioso trabalho de editar, recortar, devolver ao entrevistado e revisar o texto até sua forma atual.

Ecossistemas de 20 anos trazem emocionantes depoimentos de Gladis Brun, fundadora e primeira editora, e de Rosana Rapizo, que a sucedeu e ficou nesse apaixonante e difícil trabalho por 8 anos. Herdei uma revista com estilo e linha editorial e levei à frente esse projeto, algumas vezes também sozinha, e mais vezes com anjos da guarda que atendiam pedidos “para ontem” que eu mesma nomeava como indecentes, e gravavam um novo artigo, uma resenha ou comentário como o mágico tira moedas do nariz.

Conversando com a Mídia levou Rosana Galina a passear por mudanças enormes na mídia desde a disseminação dos computadores até as redes sociais, e, ci-

néfila convicta como muitos de nós, sem abrir mão de manter um diálogo com a sétima arte. Afinal essa seção era denominada **Sala de Cinema**. O texto traz interessantes informações sobre as vicissitudes do cinema nacional nesses 20 anos. Saboreie o passeio que ela fez.

Estante de Livros finaliza com Rosângela Russo, que nos relembra importantes contribuições do autor cujo livro (traduzido) falta em nossas estantes, Gregory Bateson. Este autor não poderia ficar de fora, pois, alertando-nos contra os princípios dormitivos frequentes nos campos de ciências humanas, não foi ele quem nos ensinou a dessacralizar as descobertas, os princípios explicativos e a ousar no caminho que nos trouxe até aqui?

Você é nosso convidado para esta festa e para as próximas como autor, leitor, crítico e comentarista. Entre, por favor. Reflexão, foco nos recursos, emergência de novos significados em ação — está aberto o diálogo. Comece a conversa pelo título ou pelo autor que primeiro o(a) capture.

Estou me despedindo desta página, mas vou encontrar você em muitas outras conversas na nossa *Nova Perspectiva Sistêmica*.

Helena Maffei Cruz